

## ENSAIO CIENTÍFICO SOBRE ABORDAGENS RETROSPETIVAS DO TURISMO

**Edgar Bernardo**

ISCE Douro – Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro. CinTurs - Research Centre for  
Tourism, Sustainability, and Well-Being. CI-ISCE)

110

**Nuno Abranja**

ISCE – Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo; CiTUR - Centro de Investigação, Desenvolvimento e  
Inovação em Turismo. CI-ISCE

## Resumo

Este artigo consiste num ensaio científico às principais abordagens à atividade turística, discutidas de forma analítica e sistemática numa base teórica. Este ensaio visa contribuir para o conhecimento existente sobre a base do turismo, oferecendo novas descobertas, interpretações e perspetivas, com o propósito de promover o debate dentro da comunidade académica do setor. Optámos por dividir o artigo em três categorias: a *institucional*, referente ao posicionamento interpretativo do turismo desde o prisma das instituições públicas nacionais e internacionais; a *técnica*, cujo propósito é de criar ferramentas práticas de avaliação e intervenção na atividade a fim de corrigir os seus impactos negativos e potenciar os positivos; e, finalmente, a abordagem *científica*, dedicada ao debate teórico que habita as ciências sociais, com destaque para a Sociologia e a Antropologia.

## Palavras-chave

Turismo, Abordagens institucionais, Abordagens técnicas, Abordagens científicas

## **Abstract**

This article consists of a scientific essay on the main approaches to tourist activity, discussed analytically and systematically on a theoretical basis. This essay aims to contribute to existing knowledge based on tourism, offering discoveries, interpretations, and perspectives, to promote debate within the sector's academic community. We chose to divide the article into three categories: institutional, referring to the interpretative positioning of tourism from the perspective of national and international public institutions; the technique, whose purpose is to create practical tools for evaluation and intervention in the activity to correct its negative impacts and enhance the positive ones; and, finally, the scientific approach, dedicated to the theoretical debate that inhabits the social sciences, with emphasis on Sociology and Anthropology.

## **Keywords**

Tourism, Institutional approaches, Technical approaches, Scientific approaches

## 1. Introdução

A investigação em turismo pode privilegiar várias perspetivas. Um investigador pode preferir estudar o turismo desde uma perspetiva psicológica e tentar entender o comportamento do turista, o que o atrai e por que atrai, e simultaneamente entender como os operadores recolhem esta informação e a trabalham para criar ou manipular espaços e/ou ambientes.

113

Já segundo a perspetiva da geografia (humana), o investigador pode procurar uma definição mais adequada das características ideais para o estabelecimento de um destino turístico, assim como fornecer as ferramentas para uma previsão do volume de turistas ou das despesas em causa em tal potencial estabelecimento. É dizer, procurar uma melhor compreensão do espaço, da resposta ao espaço da parte do turista, ou da resposta à alteração do espaço da parte do residente.

Um economista pode centrar a atenção no turismo enquanto recurso, capaz de produzir riqueza de forma direta e indireta, tanto no setor público como no privado. Para tal, é necessário um investimento em conhecimento empírico e teórico devidamente fundamentado de modo a retirar o máximo proveito da atividade minimizando os seus impactos negativos.

Um antropólogo estará sempre mais atento às questões que envolvem contacto cultural e mudança social. Nomeadamente, as forças que geram turistas e o turismo, as transações entre culturas ou subculturas que são parte integrante de todo o turismo, e as consequências para as culturas e indivíduos a elas pertencentes (Nash & Smith, 1991, p.22).

Por fim, um investigador formado em sociologia pode prender o seu interesse nos comportamentos sociais, nas experiências sociais e nas interações entre os turistas, os residentes, e as instituições envolvidas na atividade turística. Tal conhecimento pode contribuir, por exemplo, para melhor compreender a estrutura social e o seu funcionamento em sociedades diferentes.

A multiplicidade de perspetivas que se ocupam do turismo será o ponto central deste artigo. O turismo é um campo com muitos desafios e oportunidades, e um dos seus principais problemas, segundo Smith (1998), é a inexistência de informação credível capaz de responder aos seus desafios e problemáticas. Esta introdução serve para demonstrar que o tema, apesar de inúmeras abordagens diferentes, é estudado por várias disciplinas científicas. Tal interesse é evidente nos crescentes artigos e publicações dedicadas ao mesmo.

### 1. A Abordagem Institucional e a Abordagem Técnica

Começemos então pela abordagem institucional. Estejamos a falar em Estado ou qualquer outra estrutura administrativa pública à escala regional, nacional ou supranacional, é imperativo desenvolver competências que permitam gerir e planificar com sucesso uma dada área governativa. O turismo não é exceção. A capacidade de

definir e medir indicadores é determinante para o desenvolvimento de ferramentas estatísticas que permitam aos governos planificar e aplicar estratégias de forma a corrigir, alterar ou melhorar a sua capacidade interventiva.

Dada a magnitude e diversidade na atividade turística, existem várias formas de acompanhar estatisticamente a sua evolução e efeitos; todavia, por mais díspares que sejam os mecanismos ou técnicas de estatística, o objetivo principal tende a abarcar questões-chave como: elementos determinantes na procura, os movimentos das pessoas, o património e recursos turísticos, equipamentos disponíveis, relação entre turismo e ambiente, o impacto económico e social do turismo, e os efeitos que promovem alterações sociais (tradição e cultura).

Com estes dados os Governos podem melhor regular e regulamentar o turismo, mas também deles retirar melhores rendimentos dado que são grandes beneficiadores do mesmo, agindo como autênticos operadores turísticos com interesse económico, sobretudo pelos seus efeitos na balança de pagamentos e divisas.

Ainda nesta categoria institucional podemos agregar o setor privado, também ele interessado nos dados estatísticos e no desenvolvimento dos seus próprios planos económicos estratégicos. Os operadores turísticos e empresas com atividades relacionadas com o turismo encontram nessas estatísticas informações importantes para a definição das suas ações empresariais, realização de atividades de marketing, avaliação de desempenho e tendências dos movimentos turísticos. E, claro, outros privados que procuram investir, seja de forma avultada ou não, em atividades relacionadas direta ou indiretamente com o turismo, necessitam das informações estatísticas de forma a tomar decisões mais adequadas.

No relatório anual de 1997, a OMT definiu ser essencial determinar três esferas de avaliação: as relações entre o turismo e o ambiente em geral; os efeitos dos fatores do meio sobre o turismo; e os efeitos da atividade turística sobre o ambiente. Esferas que seriam avaliadas tendo por base indicadores como intensidade de utilização, capacidade de carga e satisfação do consumidor. Desta forma, a avaliação é elaborada com base em indicadores quantitativos, por exemplo a intensidade de utilização é medida através do cálculo direto entre o número de visitantes de um local a dividir pela sua superfície. Igualmente, o impacto social é determinado pela relação direta entre o número de turistas no período alto do turismo e o número de residentes.

Os métodos estatísticos são técnicas a que tanto governos, operadores e privados recorrem, apesar das suas informações nem sempre serem as mais indicadas visto que a fiabilidade e comparabilidade nem sempre são adequadas, e mesmo porque nem sempre as estatísticas conseguem dar-nos todas as informações que necessitamos. Como exemplo, não podemos esquecer que as atividades turísticas não são diferenciadas de forma clara de outras atividades, e nem todos os países têm equipamentos que possam ser comparáveis, tornando difícil considerar certos indivíduos como turistas ou viajantes. Igualmente, bens e serviços turísticos podem ser consumidos tanto por turistas como por residentes. O mesmo ocorre em termos conceituais: nem todos os países se baseiam nas definições determinadas pela ONU ou OMT.

Isto significa que “(...) na prática, a maior parte das estatísticas de turismo baseiam-se fundamentalmente na identificação de quem realiza as transacções de bens e serviços turísticos, ou seja, os visitantes e os fornecedores directos” (Cunha, 2009, p.53). Ou seja, a estatística continua a ser o grande informante apesar de revelar dados referentes a apenas duas categorias: a oferta e a procura. Ainda assim, a estatística institucional serve como principal bússola das avaliações das atividades turísticas num dado espaço.

Apesar da riqueza dos dados que a abordagem institucional providencia, podemos ainda recolher importantíssimos contributos da abordagem técnica que procura complementar a anterior formulando modelos interpretativos e de avaliação do desenvolvimento turístico. Tais modelos procuram determinar o desenvolvimento do turismo num dado lugar tendo como referência os próprios impactos da atividade nas comunidades receptoras. Nomeadamente, impactos económicos, ambientais e sociais. Estes modelos são produzidos não só por técnicos da área turística, mas também por economistas, antropólogos e sociólogos.

O primeiro modelo de referência desde género é elaborado por Bjorklund e Philbrick (1972), assente numa matriz que se baseia na medição das atitudes e do comportamento de grupos/indivíduos face ao turismo. Um modelo simplista que serve de ponto de partida para o de Doxey (1976). Este cria um modelo a que denomina de “Irridex” e que é composto por quatro atitudes anímicas consecutivas:

1. Euforia, marcada por uma perceção e atitude positiva;
2. Apatia, marcada por uma atitude indiferente;
3. Irritação, correspondendo a fricções e hostilidade para com os turistas;
4. Antagonismo, caracterizado por atitudes de desprezo e crítica aos turistas e ao turismo. No entanto, também este modelo foi alvo de críticas pois, por exemplo, no início do desenvolvimento do turismo nem sempre se verifica a «euforia», pondo em causa todo o modelo.

Um outro modelo para evolução dos destinos, desde uma perspectiva do turismo e os seus impactos, é o da autora Valene Smith (1977). Ela infere que existem diferentes impactos pois existem diferentes turistas. Assim, cria um modelo que considera o volume, o tipo de turistas e o grau da sua adaptação às normas locais. A autora é, no entanto, criticada por não considerar que a interação dos residentes com um elevado número de turistas pode causar tensões e promover um certo antagonismo entre os visitantes e os visitados.

Um trabalho pioneiro ainda hoje com destaque é o de Richard Butler (1980), que apresentou o conceito de “Ciclo de Vida de um Destino Turístico”, passando este pelas seguintes fases: 1) exploração; 2) envolvimento; 3) desenvolvimento; 4) consolidação; e 5) estagnação (sendo esta depois seguida ou por declínio ou por rejuvenescimento):

Quando Butler (1980) sugeriu que um destino turístico, à semelhança de um produto, passa por fases evolutivas, identificando e caracterizando seis fases (exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio ou rejuvenescimento), fê-lo consciente da importância da definição dessas fases enquanto ferramenta mental de apoio à tomada de decisão para

o futuro e da compreensão do passado, de modo a se evitarem erros já ocorridos. (Coelho, 2007, p.1)

É da sua proposta que emerge o conceito de 'capacidade de carga' que se refere à capacidade de um destino turístico, nomeadamente desde a perceção dos residentes, de suportar os impactos negativos da atividade turística<sup>1</sup>. De acordo com Murphy (1985), este conceito é uma afirmação filosófica de que todos os destinos têm uma quantidade de recursos limitada, bem como, permite determinar os impactos sociais dos desenvolvimentos turísticos. Isto é, a capacidade de carga é uma ferramenta vital para uma melhor política de turismo (Murphy, 1985, p.135).

Para Weaver (2000), a noção adequada seria antes de 'limite de aceitação de carga'<sup>2</sup>, pois será menos maleável, subjetivo e complexo que o anterior. Para Saveriades (2000) a capacidade de carga não é fixa; ela sofre mutações com o tempo, com o crescimento do turismo, ou outros fatores, pelo que pode ser manipulado pela gestão, assegurando um desenvolvimento sustentável a longo prazo. Resta referir que este conceito tende a gravitar em torno das dimensões físicas, económicas, sociais, culturais e ambientais.

Do modelo de Butler têm emergido outros semelhantes, o que leva Getz a afirmar que “o número limitado de estudos de caso disponíveis na literatura certamente não provou a validade dos estágios do ciclo de vida teorizados, e os problemas da sua utilidade para o planeamento já foram destacados”<sup>3</sup> (Getz, 1992, p.754).

Getz defende que os investigadores deveriam estar mais preocupados em acompanhar indicadores relacionados com o produto, mercado e seus impactos, que indiquem o estado da “indústria” e seus problemas, do que procurar encaixar os casos em modelos.

Para Johnson e Snepenger (2002), alguns dos problemas da aplicação do modelo do Ciclo de Vida reside na sua aplicação concetual setorial e não longitudinal, como havia sido pensada. Isto dever-se-ia à escassez de recursos disponíveis aos investigadores ou mesmo à necessidade de produção de artigos rapidamente. Ainda assim, consideram que este modelo é o mais indicado para uma gestão mais flexível e adequada aos mercados sempre em mudança.

Andriotis (2003)<sup>4</sup> infere que o modelo, ao contrário do que apregoava Butler, não deve ser considerado para todas as situações:

Numerous other studies have suggested that Butler’s life cycle model applies to various destinations, such as Lancaster County (Hovinen, 1981), Laurentians, Quebec (Lundgren, 1982), the Grand Isle resort of Louisiana (Meyer- Arendt, 1985), Malta (Oglethorpe, 1984), Vancouver Island (Nelson and Wall, 1986) and Minorca (Williams, 1993). Other researchers found Butler’s model incapable of explaining the tourism evolution of some resorts and proposed modifications or alternative models that better fitted the

<sup>1</sup> Também D'Amore (1983) sublinha que esta capacidade é definida apenas pela perceção dos residentes e não através de outros indicadores externos.

<sup>2</sup> Este será a capacidade de absorver o desenvolvimento turístico antes que os seus impactos negativos se façam sentir na comunidade local, ou nível de desenvolvimento turístico após o qual o fluxo turístico decline devido ao fim da atração e satisfação do destino.

<sup>3</sup> Tradução livre dos autores.

<sup>4</sup> Autor que, por exemplo, também aplicaria este modelo ao caso da ilha de Creta (Andriotis, 2003).

development process of particular resorts. Among these studies Haywood (1986) proposed a variety of possible tourist-area cycles of evolution that may occur as opposed to Butler's model. (Andriotis, 2003, p.5)

Também Cooper (2002) recorda que a questão do ciclo de vida de um destino turístico é um tema muitas vezes tido como de gestão contínua; todavia cada uma das suas fases compreende planeamento, gestão e estratégia própria. Este tipo de planeamento estratégico exige a consideração de diversas variáveis de forma a conseguir os seus objetivos de sustentabilidade.

O planeamento estratégico é, por sua vez, caracterizado pela adoção de uma perspetiva a longo prazo, o desenvolvimento de um plano holístico e integrado para a utilização dos recursos disponíveis, uma decisão formalizada do processo de aplicação, e o uso e criação de recursos com vista aos objetivos futuros (Cooper, 2002, p.2).

Apesar de todos os aspetos considerados, uma estratégia a longo prazo aplicada ao turismo enfrenta obstáculos. Desde logo, os destinos são alvo de constante mudança (nomeadamente nos seus sistemas de valores e nos seus intervenientes-chave); e a fragmentação e hegemonia dos pequenos negócios, na sua maioria sazonais, põem em causa os planos a longo prazo, visto que estes negócios são conduzidos numa mentalidade mais imediata.

Finalmente, podemos apontar ainda outros dois obstáculos: primeiro, o sucesso aparente pode dar ilusão de que a médio e longo prazo não existirão complicações e logo não haja necessidade de planear a longo prazo; igualmente, nas fases de declínio, a falta de perspetiva de reacendimento futuro pode condicionar o investimento pensado a longo prazo. Em segundo lugar, num olhar a curto prazo, a atividade do turismo tende a ignorar ou relegar os benefícios e perdas da atividade entre o presente e o futuro (Cooper, 2002).

Na tentativa de colmatar tais falhas surge o modelo 'Destination Visioning', de Ritchie (1993), com forte base comunitária no planeamento estratégico. Este é pensado em cinco etapas, da auditoria do destino, passando pela definição do posicionamento, realização de Workshops, até ao desenvolvimento e implementação do planeamento estratégico.

Porém, este modelo de base comunitária parece ter dificuldade em conseguir uma representação transversal de toda a comunidade, e em obter consenso em temas controversos. Tal como, muitas vezes, esquece a importância do setor económico no seu modelo, ou encontra inúmeras dificuldades em implementar a estratégia planeada: “ainda assim, 'destination visioning' está a tornar-se a nova ferramenta para o planeamento estratégico sustentável de destinos turísticos, à medida que o turismo acompanha o imperativo envolvimento da comunidade e abraça a necessidade de gerir a mudança”<sup>5</sup> (Cooper, 2002, p.5).

Ap (1992) apresenta o seu próprio modelo alicerçado na teoria 'Social Exchange Theory' (SET) que tem sido aplicada nas investigações e avaliações que procuram determinar os níveis de perceção que os residentes têm face ao turismo e seus impactos, mas também para determinar o porquê desses níveis. Sobre esta teoria falaremos em

---

<sup>5</sup> Tradução livre dos autores.



maior pormenor no ponto seguinte. Resta referir que Ap e Crompton (1993) identificam diferentes estratégias de comportamento da população face ao turista<sup>6</sup>. Estas são divididas nas seguintes etapas: 1) aceitação; 2) tolerância; 3) ajuste; e 4) retirada<sup>7</sup>.

Yutyunyong e Scott (2009) consideram este modelo demasiado economicista e daí produzirem também eles um novo modelo assente, desta feita, nos princípios teóricos da 'Social Representation Theory'<sup>8</sup>, um modelo amplamente aplicado (Gursoy & Rutherford, 2004; Gursoy et al, 2002; Jurowski & Gursoy, 2004; Nunkoo & Ramkissoon, 2009; Vargas-Sanchez et al., 2009; Wang & Pfister 2008).

Para Faulkner e Tideswell (1997) a teoria existente é fragmentada e existe a necessidade de ser integrada num quadro geral capaz de guiar empiricamente as investigações na direção de um desenvolvimento de conhecimento cumulativo. A teoria entretanto desenvolvida não foi empiricamente testada de forma sistemática (Faulkner & Tideswell, 1997, p.5)<sup>9</sup>. Estes autores propõem a construção de um quadro teórico e concetual capaz de examinar adequadamente os impactos dos turistas nas comunidades através da construção de uma síntese teórica das diferentes perspetivas, balizada em duas dimensões principais: a intrínseca e a extrínseca.

A primeira dimensão considera as contribuições do modelo «Destination Life Cycle» de Butler (1980) e do modelo «Irridex» de Doxey (1975), agregando outros efeitos como: as fases de desenvolvimento turístico, o rácio turista/residente, tipos de turista e sazonalidade do turismo. A dimensão extrínseca recolhe as contribuições da adaptação da «Social Exchange Theory» em Ap (1990), agregando também os efeitos de envolvimento, características socioeconómicas, proximidade dos residentes e período de residência. É na análise e no cruzamento das diferentes dimensões, considerando as variáveis definidas como efeitos, que os autores esperam conseguir transformar este quadro teórico num quadro empírico aplicável.

De acordo com as conclusões destes autores na aplicação deste modelo num estudo de caso na Austrália, existem três proposições a considerar. Primeiro, o desenvolvimento turístico sustentável, seja onde for, depende de um planeamento e monitorização constantes, sensível aos impactos sociais e comunitários do turismo e capaz de executar estratégias que potenciam os aspetos positivos e minimizem os negativos. Segundo, as reações dos residentes face aos turistas devem ser acompanhadas sistematicamente. E, finalmente, é necessária a construção de um quadro analítico capaz de produzir uma monitorização comparativa com outros destinos (Faulkner e Tideswell, 1997, p.25).

---

<sup>6</sup> Como exemplo deste modelo temos o trabalho desenvolvido por Tatoglu et al (2000), um estudo dos impactos do turismo convencional massificado numa cidade turca, determinam que os residentes viam positivamente os impactos económicos, sociais e culturais do turismo, e em simultâneo viam como negativos os impactos ambientais, a atitude da comunidade, as multidões e a congestão na comunidade que derivavam da presença dos turistas.

<sup>7</sup> Já Alfonso (1999) sugere que ao longo do tempo emergem apenas três momentos distintos de: satisfação, neutralidade e insatisfação (Gúzman & Fernando, 2003, pp.15-16).

<sup>8</sup> Um outro excelente exemplo da aplicação prática deste modelo é o trabalho desenvolvido por Vounatsou et al (2005) na ilha grega de Mykonos, onde se procurou determinar os impactos sociais do turismo, mais concretamente as perceções dos residentes face ao turismo (ali com o turismo convencional massificado e turismo homossexual em particular destaque).

<sup>9</sup> Faulkner e Tideswell (1997) aplicaram uma plataforma de avaliação dos impactos do turismo numa comunidade australiana, Gold Coast, aplicando um quadro de análise de dupla dimensão (intrínseca e extrínseca) baseada nas contribuições do modelo de Butler (1980), Doxey (1975) e Ap (1992).

Uma proposta que também merece ser referida é a de Breakey (2005) que sugere um novo modelo de análise da mudança do destino turístico inspirada em outros modelos como *Destination Life Cycle*, *Caos Theory*, *Evolution Theory* e *Punctuated Equilibrium*. Este modelo é denominado por «*Multi-Trajectory Model of Tourism Destination Change*», e defende que a qualquer momento num destino turístico pode ocorrer uma de quatro mudanças: equilíbrio (quando o nível de crescimento se mantém), mudança evolutiva crescente (ainda num estado de equilíbrio); punctura crescente (já num estado de caos), ou ainda, dois estados de degeneração agravada (dependendo da situação). Uma postura interessante, mas com insuficientes exemplos de aplicação para merecer uma avaliação.

Antes de tratarmos a abordagem científica, resta ainda fazer referência a outro tipo de modelo que aborda o turismo e que é aplicado por vários autores, tanto na academia como no corpo técnico que se dedica a esta atividade. Falamos da Teoria Geral dos Sistemas, aplicada enquanto modelo analítico ao turismo. Como vimos, o turismo pode ser, e tem sido, abordado de várias formas, pelas várias ciências e atividades envolvidas. Para Beni (2001), um sistema<sup>10</sup> representa um todo composto por partes que procuram atingir um mesmo objetivo, tendo como base comum certos princípios e procedimentos logicamente ordenados e coesos, sendo concetualmente próximo da visão holística, e, ao ser aplicado ao turismo, deve ter em conta cinco elementos: os objetivos (organização, planeamento, padronização de conceitos e definições de investigação com vista a instrumentalizar análises e ampliar a pesquisa), ambiente (determinante para o funcionamento), recursos (meios utilizados para executar as tarefas), componentes (subsistemas existentes), e a administração (criação de planos que envolvam os elementos anteriores).

Esta mesma perspetiva é reiterada por Licínio Cunha (2009), para quem as análises ao turismo continuam a ter como ponto de partida perspetivas seletivas e parciais, ignorando as relações que esta atividade estabelece entre as pessoas, ambiente e outras partes do social e económico. Conhecer o turismo, para este autor, implica então uma visão global e integrada de todas as suas componentes e relações desde uma visão sistémica. Para que este sistema, composto por vários subsistemas, funcione de forma a atingir os fins desejados, cada uma das suas partes tem de funcionar também de forma harmoniosa com as outras<sup>11</sup>.

Ainda para este autor, o sistema funcional do turismo deve ser considerado com um quadro dúplice, de um lado a procura e de outro a oferta, sendo composto ainda pelas seguintes características: ser um sistema humano, espacial e temporal; sistema aberto que recebe influências exteriores e em próxima conexão com elas; sistema caracterizado por conflitos e cooperações internas-externas; sistema composto por vários subsistemas; sistema com perda de controlo e de coordenação em vários dos seus componentes (Cunha, 2009, p.117).

<sup>10</sup> Aqui entenda-se sistema enquanto a totalidade de frações interconectadas e articuladas de forma una e organizada para atingir um mesmo objetivo ou objetivos.

<sup>11</sup> Se abordarmos apenas uma parte deste sistema resulta que apenas parte dos aspetos determinantes vão também ser abordados, assim (para o autor), não há alternativa à necessidade de fazer do turismo objeto de uma análise sistémica, “(...) que se define como sendo o estatuto complexo que constitui o turismo e das inter-relações dos elementos que o compõem (...)” (Cunha, 2009, p.113).

Também para Gunn (1994) e Burns (1999), o Turismo deve ser abordado enquanto um sistema, ou conjunto de subsistemas que trabalha no sentido de atingir um objetivo comum, e desde uma perspetiva multidisciplinar, que considere tanto a sua operacionalidade como a conjugação entre as várias partes. Farrel e Twining-Ward (2004) apresentam um trabalho que procurou reafirmar a importância de efetuar uma abordagem à sustentabilidade e ao turismo enquanto Sistema. Para estes autores, ao contrário do que se afirmava na década de 1970, o turismo enquanto sistema é tudo menos estático e previsível<sup>12</sup>:

It is argued here that researchers need to venture outside the 'core system', to explore the other connections and interactions that extend as far as tourism significantly affects the ways of life, the economic well-being of the system, and the people involved, either directly or indirectly. This comprehensive tourism system encompasses multiple system levels from the core, to the global or Earth system, all interrelated, open and hierarchical. (Farrel & Twining-Ward, 2004, pp.278-279).

A estrutura e dinâmica dos ecossistemas deve ser entendida não como um sistema complexo de equilíbrio, mas antes como um complexo composto por períodos de desordem e perturbação que derivam, por exemplo, dos ciclos de vida dos sistemas económicos<sup>13</sup>.

Aliada, então, à sustentabilidade, a gestão do turismo exige desde logo reconhecer a falibilidade da ideia de que um sistema ecológico é estável e previsível, e exige também reconhecer a sua complexidade e a necessidade de adaptar a gestão à circunstância. É aqui que emerge a ideia de 'adaptive management', um conceito que os autores Twining-Ward e Butler (2002) trabalharam na ilha de Samoa (Havai) e do qual deriva o esquema representado em Farrel e Twining-Ward (2004, p.285).

A teoria geral dos sistemas traz consigo vantagens, como uma visão do todo considerando as suas partes e analisando-as separadamente se necessário. É ainda capaz de separar o turismo de outros sistemas, permitindo um estudo interdisciplinar do turismo. Todavia, também tem as suas limitações. A separação do turismo de outros sistemas acarreta uma visão fragmentada do objeto de estudo, desconectando o turismo de outros sistemas maiores como o social.

Resta questionar se uma abordagem assente nesta teoria, ao demonstrar o fenómeno em múltiplos sistemas mais pequenos, não cairá no erro de perder as interações que ocorrem entre esses mesmos processos. Isto para além de que o turismo é uma atividade que, como vimos, atravessa várias dimensões (sociais, económicas, ambientais, etc.) sendo extremamente difícil circunscrever e englobar todas as suas facetas num sistema fechado para análise.

<sup>12</sup> Para estes autores isto é particularmente evidente nos 'sistemas de adaptação complexa de turismo' (*complex adaptive tourism systems – CATS*).

<sup>13</sup> “(...) systems are also now thought to cycle through different dynamic states, in a non-constant, episodic manner with extended varying periods of stability followed by periods of turbulence.” (Farrel & Twining-Ward, 2004, p.281).

O próprio Leiper (1990), um dos defensores desta postura, alertou para os perigos de se confundir os sistemas do turismo com o turismo enquanto sistema, um todo concreto e isolável, algo que de todo não pode ser considerado. Para o autor, o turismo deve ser compreendido apenas como um conjunto de sistemas que considera cinco elementos essenciais: o fator humano (o turista), a região geradora de turistas, a rota de trânsito dos turistas, a região de destino, e a 'indústria de turismo e viagens' (governos, agências e operadores).

Entenda-se, então, que a abordagem técnica procura antes de mais trabalhar ou mesmo reformular o corpo teórico dedicado ao turismo de modo a atingir objetivos previamente determinados. Usualmente, falamos de metas de sustentabilidade económica, social e ambiental, o que exige procurar aplicações provenientes de várias disciplinas adequadas ao turismo, caso contrário, se a sustentabilidade não for o objetivo, não há necessidade de mudança (Farrel e Twining-Ward, 2004, p.88).

## 2. A Abordagem Científica

“To see other people, other places, other cultures and other political systems is a prime motivational forte for travel.” (Hudman, 1980, p.36, *citado por* Nash & Smith, 1991, p.127).

O Turismo é considerado o maior movimento pacífico de bens, serviços e pessoas alguma vez visto pela humanidade (Greenwood, 1989, p.171). Tal capacidade poderá sugerir que o Turismo tem sido um dos alvos principais do olhar dos cientistas sociais. Todavia, só nas últimas décadas é que o tema tem ganho destaque: “(...) nenhuma área do conhecimento vem ganhando tanto destaque quanto o turismo, seja pela sua dimensão económica, seja pela problemática social que ele enseja.” (Magalhães, 2008, p.96). A questão a colocar é, então, por que motivo o Turismo foi e ainda é um tema relegado?

Para Burns (2004), o tema tem sido evitado pelos cientistas sociais<sup>14</sup> essencialmente por três motivos: o turismo continua a ser visto como objeto menor que não merece a atenção da academia (Burns, 2004); a proximidade existente entre a experiência e o relato do turista ou viajante e a de um etnólogo pode despir a legitimidade do segundo; e finalmente, só com Cohen (1972) é que o Turismo deixou de ser compreendido como um tema associado à economia e passou a ser visto como conexo com as comunidades locais, seus traços e características. Poderíamos adicionar ainda um outro fator, a perceção errónea de que turismo é uma mera atividade de lazer, ócio e hedonismo. Tais conceitos podem muitas vezes parecer indissociáveis para quem não toma o Turismo como objeto de estudo ou como um tema de interesse.

Alguns autores sugerem que o principal problema no tema do turismo são as próprias investigações que carecem de seriedade e método, em particular na crítica moderna aos turistas (MacCannell, 1976). Toda a ciência exige imparcialidade e um olhar crítico, mas, por vezes, perspetivas inquinadas minam resultados, afastando novos investigadores e

---

<sup>14</sup> Os autores referem-se em particular ao caso da Antropologia, mas parece-nos uma crítica pertinente e adequada à Sociologia.

seus potenciais contributos. Assim, “(...) para reflectirmos sobre o turismo devemos, antes de mais, libertá-lo da sua carga ideológica, moral e comercial, a fim de o tomar simplesmente como um objecto de *conhecimento*” (Amirou, 2007, p.25).

Das várias metodologias e teorias de suporte que alicerçaram as abordagens ao fenómeno social do Turismo, formou-se um quadro claro de análises-tipo, ou pelo menos de tendências analíticas. Entre estas obrigatoriamente temos de destacar a abordagem positivista, usualmente representada pelos organismos internacionais, inclusivamente, a OMT. Este organismo considera o turismo como alavanca indispensável para a prosperidade de países, na sua maioria, em vias de desenvolvimento, onde os fins justificam os meios.

Uma outra linha comum, a marxista, insiste na visão de que o turismo é uma extensão do imperialismo e colonialismo e, portanto, um ato explorador. Uma perspectiva puramente crítica que, tal como a positivista, peca pela sua parcialidade e por não apresentar alternativas viáveis e exequíveis.

É dizer, o modo como o tema tem vindo a ser abordado tem condicionado a sua produção científica, ora apresentado como a solução para todos os problemas de uma sociedade ou comunidades, ora como um bode expiatório de inúmeras desigualdades económicas e sociais, até mesmo um violador da cultura e suas tradições. As ideias de turismo como libertador ou como neocolonialista, e até centradas em evidências de mudanças sociais e culturais, esquecem que o turismo é o estudo do homem longe do seu local de residência, da indústria que satisfaz as suas necessidades, e dos impactos de ambos sobre os ambientes físicos, económico e sociocultural da área recetora (Jafari, citado por Cunha, 2010, p.13).

Entenda-se que das várias abordagens existentes as mais comuns têm uma perspectiva economicista. De acordo com o Modelo de Criação e Desenvolvimento do Conhecimento em Turismo de Tribo (1997), o conhecimento em Turismo poderia ser dividido em duas metades: (Campo de Turismo 1) referente à vertente comercial do turismo onde podem ser incluídas agências de viagens ou outras empresas de turismo, e (Campo de Turismo 2) referente aos aspetos não comerciais do turismo e onde estaria incluída a academia.

Na mesma linha, Barreto e Santos (2005) consideram que o Turismo possui um carácter híbrido, o que implica uma carência quanto a um consenso na sua concetualização, e que advém de este ser simultaneamente objeto de estudo científico das ciências sociais mas também pertencer à área de ação do marketing<sup>15</sup> e do negócio. Daí Ateljevic et al (2007) inferirem que existem apenas duas formas de abordar o turismo, ora desde uma perspectiva empresarial (*tourism management*), ora científica (*tourism studies*). De forma semelhante, Magalhães (2008) encontra uma perspectiva que considera o turismo como um meio instrumentalizado ou técnico para a profissionalização com propósitos de mercado, e uma outra, que defende a ideia de uma ciência do turismo assente numa totalidade histórica.

---

<sup>15</sup> Ritchie e Goeldner (1989) afirmaram mesmo que o marketing é a disciplina mais ativa e importante dentro do campo do turismo.

Este caráter dúplice tem instrumentalizado o turismo e a investigação turística, tornando boa parte da sua produção inconsistente e limitada. A construção de conhecimento em torno do turismo tem estado sobretudo assente num discurso bipartido, o que significa que a pesquisa turística produzida apresenta orientações epistemológicas díspares. Há que romper com tal postura de forma total:

Romper com a tradição não significa *coisificar* um novo discurso, mas sim compreender que a dificuldade que se põe num novo conhecimento – ciência e saber – é superar os limites que, distantes de lhe serem inerentes, somente constituem um estado provisório de desenvolvimento. (Nechar & Netto, 2011, p.398)

Como referimos inicialmente, a pesquisa do turismo começa a mostrar avanços nos enfoques teórico-metodológicos, apesar de ainda coexistir uma carga assumidamente positivista e empirista na sua orientação (Nechar & Netto, 2011). Podemos questionar por que motivo o tema tem ganho esse relevo e interesse por parte de diferentes ciências, da sociologia e antropologia, à geografia e economia.

O turismo é caracterizado por uma complexidade que envolve uma variedade de aspetos da sociedade e da cultura. É um tema de interesse para as ciências sociais, desde logo porque é um fenómeno social «total», desde a perspetiva de Marcel Mauss (1974). À partida, diferentes ciências implicam diferentes abordagens teórico-metodológicas que podem estar condenadas a considerar o tema de forma distinta, fracassando na construção de um corpo teórico comum que permita avanços no estudo do Turismo.

O grosso do debate científico coloca em confronto uma perspetiva de apoio ao turismo (massificado) com outra de resistência/combate. Um confronto que essencialmente opõe a perspetiva institucional à técnica; uma e outra encontram na abordagem científica um apoio, pois também a abordagem científica reúne várias posições contraditórias em relação ao turismo, ora entendido como benéfico ora como predatório. Assim, antes ainda do debate teórico aprofundado sobre este tema, iremos apresentar alguns autores e contribuições-chave que permitiram avanços teóricos e metodológicos sobre o tema.

A nossa viagem começa em 1960 na Alemanha, com a primeira obra sociológica sobre o turismo: 'Sociologia do Turismo', de Knebel<sup>16</sup>. Este autor apontou consequências tanto negativas quanto positivas nas sociedades visitadas, destacando sobretudo um balanço positivo da atividade; no entanto, não fez qualquer menção aos impactos criados nas comunidades e seus residentes.

Quase vinte anos mais tarde, tanto Boissevain (1979) como De Kadt (1979) falavam nos impactos que as ideologias e atitudes externas provocavam nas comunidades locais, em particular nas mais isoladas - mudanças de atitude, valores, ou comportamento que podem resultar da mera observação dos turistas (De Kadt, 1979): o denominado 'efeito demonstrativo'.

Outra obra pioneira nessa abordagem foi 'Arab Boys and Jewish Girl Tourists' de Erik Cohen (1971). Para o autor, os turistas não exercem apenas uma influência ativa nos locais

---

<sup>16</sup> Inspirada pelo trabalho de Von Wiese (1930) *Fremdenverkehr als zwischenmenschliche Beziehung*. *Archiv für Fremdenverkehr* 1.

como também procuram nas suas viagens algo mais. Uma experiência que o autor não define totalmente.

Os turistas eram ainda tidos como um grupo globalmente homogéneo com duas características indiscutíveis: de origem ocidental e de classe média. Mas nesse mesmo ano MacCannell (1973) demonstra que tal não é verdade e aponta que a experiência procurada pelos turistas é a busca por algo autêntico. Autenticidade essa que entendem existir nos seus destinos de turismo, em países de 'terceiro mundo'.

A primeira grande obra em contra corrente ao apoio do turismo como atividade ideal para salvar as economias dos países em desenvolvimento, foi 'The Golden Hordes' de Turner e Ash (1975). Nesta, os autores fazem duras críticas ao turismo massificado comparando-o a uma ação predatória onde turistas podiam ser equiparados às devastadoras hordas bárbaras.

Poucos anos depois, a obra de Smith (1977) 'Hosts and Guests', descreveu a existência de turistas em todos os espaços e lugares, bem como a existência de vários tipos diferentes de turistas, eles próprios com objetivos diferentes. Estas conclusões levaram a Sociologia a questionar quem eram estes turistas.

Erik Cohen, em 1979, procurando outras respostas, estabelece uma série de tipologias turísticas que deixaria cair a ideia de um turista genérico e vago, diferenciando assim os turistas em quatro grupos de acordo com o seu comportamento e motivação. É também um dos primeiros autores a lamentar a reduzida interação entre hóspedes e anfitriões, afirmando mesmo que os primeiros preferem uma experiência cultural encenada e superficial ao contacto direto e autêntico com os anfitriões. O turismo, para Cohen, fica aquém do seu potencial.

O foco crítico sobre o turismo nas obras subsequentes tem ainda maior destaque. Os turistas são tidos como o inimigo, uma força neocolonial com propósitos clandestinos e por vezes inconscientes de reforçar o domínio dos ricos sobre os pobres (Nash, 1989), levando invariavelmente à criação de uma monocultura (Samy, 1975; Turner & Ash, 1975), qual ricochete da modernidade.

Dez anos depois, Graburn (1989) infere que entre os turistas que buscam o 'exótico e autêntico' encontram-se turistas originários de espaços também eles classificados de exóticos pelo Ocidente, sendo estes também de classe média e/ou alta. Este contributo faria mudar a perceção do turista. Agora este procurava também uma oportunidade de livremente escolher o que fazer com o seu tempo, pois reconhece-se que este poderia, em simultâneo, optar por procurar a autenticidade local, bem como apenas banhar-se numa praia, ou simplesmente permanecer todo o dia num quarto de hotel: "the tourists are not just looking for an authenticity missing at home, but they are looking for a whole range of moral and recreational complements to their constrained roles at home and at work" (Graburn et al, 2001, p.150).

Na década de 1990, um novo trabalho veio reacender o interesse pelo tema do turismo. Urry produzia 'The Tourist Gaze' (1990), dando enfoque às questões do consumo dos lugares e paisagens. O autor inova ao inferir que existe um consumo de lugares de forma

reflexiva<sup>17</sup> por parte do turista contemporâneo, e que tal consumo é também uma marca da sociedade atual.

Nesta mesma década, e procurando sintetizar e explicar as origens do turismo, emerge ainda a obra de Fortuna e Ferreira (1996) que conclui que a chegada do capitalismo organizado trouxe formas de organização política e social que permitiram o crescimento e a democratização do acesso ao turismo. Os cidadãos, ao usufruírem de condições e de tempo livre para desfrutar de férias, encontram no turismo um cosmopolitismo que lhes dá acesso a outros espaços, culturas e interações, a que Lash e Urry (1994) chamaram de 'cosmopolitismo estético'.

Com a mobilidade e consumo mais acessível, o turismo apresenta-se como uma atividade específica da modernidade com capacidade de gerar diferenciação social (Fortuna & Ferreira, 1996, p.4). Com o “fim” do capitalismo organizado, presente até há algumas décadas, esta fase é substituída por uma outra de desorganização onde o turismo perde a particularidade da mobilidade. Os bens, serviços e produtos culturais de outras sociedades podem agora ser acedidos e consumidos de outras formas, quase instantâneas, podendo mesmo prescindir de qualquer tipo de mobilidade física, utilizando, por exemplo, ferramentas como a internet.

Desse modo, o turismo perde a capacidade de diferenciar os sujeitos, graças à crescente segmentação dos mercados e das clientelas, que acabam por permitir uma nova revalorização do turismo, sublinhando a valorização da cultura visual e estimulando reflexivamente os turistas. Este «pós-turista» vive da ‘*desdiferenciação social*’.

Esta bandeira da cultura visual, agregada ao consumo, permite ao turismo vender experiências, sensações e estilos de vida, com os quais os indivíduos reinterpretem a sua identidade através das interações, relações e consumo no ato turístico. Este «pós-turista» enquadra-se na crítica de Boorstin, e na sua definição de “não-turista”, um indivíduo passivo e comodista que procura prazer e estímulos não culturais.

Para Fortuna e Ferreira, o turismo pode levar a uma descentralização dos sujeitos, o que por sua vez permite uma nova recentralização. Este fruto da modernidade que evade o quotidiano e consome uma versão dramatizada de um outro quotidiano, noutra espaço-tempo, para invariavelmente culminar na “(...) desvalorização das identidades sociais e na revalorização dos processos de identificação dos sujeitos” (1996, p.15).

Também procurando sistematizar a produção científica dedicada ao turismo, Dann e Cohen (2002) reconhecem quatro áreas temáticas na investigação turística: os turistas; as relações entre turistas e locais; a estrutura de funcionamento do sistema turístico; e as consequências do turismo. Desenhando-se assim um claro enfoque sociológico em duas grandes vertentes de investigação: macro - estudos da sociedade; e micro - estudos centrados no indivíduo (Dann & Cohen, 2002, p.301).

Duas vertentes nada isentas de críticas: ”O tipo de investigação realizada nessas áreas tem um viés fundamentalmente prático, pois são estudos relacionados com as análises de mercado, a perceção entre visitantes e visitados, caracterização de comportamentos,

---

<sup>17</sup> Baseado no conceito de reflexividade de Giddens.



impactos, etc.” (Nechar & Netto, 2011, p.396). Mais recentemente, Goeldner et al (2002) concluíram existir até oito diferentes perspectivas que vão da abordagem institucional, de produto, e histórica, até à gestão económica e sociológica, passando pelas abordagens geográfica e a abordagem interdisciplinar.

Dada a dispersão, disparidade e até repetição dos dados e da sua proveniência, parece-nos fazer sentido olhar para a produção sobre o fenómeno turístico desde o quadro sugerido por Jafar Jafari (1994) que defende a existência de cinco plataformas na análise ao turismo, que apesar de surgirem cronologicamente ainda coexistem, sendo estas classificadas como plataformas de: *advocacy*, *cautionary*, *adaptancy*, *knowledgebased* e *public*.

A primeira plataforma, a de promoção do turismo (*advocacy platform*), que encontra no turismo uma atividade positiva social e economicamente, bem como ambientalmente viável, que prometia divisas internacionais e geraria postos de trabalho. Apregoada institucionalmente desde 1960 como uma alavanca ideal para a economia, em particular para a economia dos países envolvidos e afetados pela ressaca do segundo conflito bélico mundial.

Uma segunda plataforma seria a da advertência (*cautionary platform*), que vê o turismo como agente adulterador e destruidor do meio ambiente. O turismo é alvo de duras críticas, sobretudo durante a década de 1970, em particular após a Conferência de Estocolmo (1972), sendo apresentado como deturpador da cultura local e destruidor dos recursos ambientais, indiferente às consequências por si causadas (Mitford, 1959; Boorstin, 1961; Rivers, 1973; Turner & Ash 1975). Em suma, um gerador de conflitos que via no acréscimo de lucros o justificador absoluto da sua função. Responsável por potenciar um processo de desenvolvimento ambientalmente predatório e socialmente segregador (Candiotto, 2007), a que 'a academia' responderia com o modelo Irridex de Doxey (1976).

A terceira plataforma, a da adaptação (*adaptancy platform*), concebe um turismo que não só pretende reduzir os seus impactos negativos, como também potenciar-se como resposta positiva a carências locais. Surgem assim opções como turismo de aventura, agroturismo, turismo cultural, ecoturismo<sup>18</sup>, etc., fruto de um reconhecimento mundial da importância da conservação ambiental e social e que, entre outros, influenciaria e seria influenciado por produções académicas como as de Butler (1980) e de MacCannell (1973).

A esta plataforma é seguida a do conhecimento (*knowledgebased platform*), em 1990, que vê o turismo como um objeto de estudo sobre o qual muito há por pesquisar. Com a intervenção e envolvimento de investigadores e universidades, multiplicam-se os estudos e as contribuições científicas sobre o mesmo<sup>19</sup>. Uma plataforma influenciada não só pela

---

<sup>18</sup> Goeldner (2000) define ecoturismo como viagens responsáveis a áreas naturais que conservam o ambiente e sustentam o bem-estar das comunidades locais.

<sup>19</sup> Todavia, há que recordar que autores como Barreto e Santos (2005) classificam este conhecimento como mero «conhecimento mercadológico», aplicado para potenciar o mercado, e, portanto, enquadrado nos saberes populares.

anterior como por relatórios como o de Brundtland 'Our Common Future' (1987) e conferências como a do Rio de Janeiro (1992).

Mais recentemente, Xiao e Smith (2006) publicaram um trabalho que procurou sistematizar a produção teórica dedicada ao estudo do turismo numa das principais revistas internacionais sobre o tema (Annal of Tourism Research), desde 1973 até 2003. Entre as conclusões destacamos a existência de duas tendências predominantes no estudo do fenómeno, de um lado a construção teórico-metodológica, e de outro o desenvolvimento e impactos. Uma outra conclusão interessante foi a influência teórica das disciplinas sociologia, antropologia e geografia na década de 1970, seguidas por um foco na gestão, economia e socioeconómica na década seguinte, e finalmente, na década de 1990, um forte interesse nas questões socioculturais e ambientais. Isto, grosso modo, em linha com as conclusões de Jafari.

Por fim, resta apresentar a quinta plataforma, a pública<sup>20</sup> (*public platform*), que emerge com o novo milénio, e que é caracterizada pelo envolvimento público transversal. Desde Estados, instituições públicas e movimentos públicos de cidadania, até ao 'comum dos cidadãos' não especializados, que acabam por determinar, condicionar e influenciar o turismo, tanto na sua operacionalidade como concetualização.

Tais contribuições servem para demonstrar que o turismo tem de ser encarado como muito mais do que uma mera prática (económica) ou técnica, e antes como um fenómeno social complexo, profundo e vasto que afeta global e localmente de forma transversal as sociedades envolvidas direta e indiretamente. Servem, ainda, para deixar claro que procurar generalizar sobre esta atividade é um esforço infrutífero e vão, pois, desde logo existem "(...) tantas formas de turismo como possibilidades de análise desta atividade" (Luchiari, 1998, p.15).

Muitos autores apontam para a necessidade de abordar o tema de forma heurística, deixando cair a tendência de o fazer desde uma perspetiva economicista e seguindo um modelo base. Se de facto a pesquisa focada no turismo padecia de subnutrição teórica nas décadas iniciais, os trabalhos desenvolvidos pela pesquisa qualitativa, em particular, da sociologia, antropologia e geografia têm sido responsáveis por uma mudança ontológica, epistemológica e metodológica que conseguiu "(...) um espaço para um entendimento partilhado de modos de pesquisa mais críticos e mais interpretativos" (Ateljevic et al, 2005)<sup>21</sup>.

Lohmann e Netto<sup>22</sup> defendem a corrente pós-positivista na análise ao turismo, balizada por "(...) uma metodologia crítica na leitura, releitura e nova interpretação do conceito turismo" (2012, p.63). Uma teoria à semelhança de outras pós-positivistas como as de Popper, Lakatos, Lévi-Strauss, Bertalanffy e Luhman, etc. Nesta linha também Pernecky

<sup>20</sup> Durante o VII Congresso Nacional e Internacional de Investigação Turística, em Guadalajara, México, Jafari introduz uma quinta plataforma, que classifica de *Pública* (public-platform).

<sup>21</sup> A que Ateljevic et al denominam de "Critical Turn".

<sup>22</sup> Fala-nos, portanto, na Teoria Geral dos Sistemas (TGS), assente numa visão holística e que vê no método de pesquisa estruturalista o caminho a tomar. A ideia de um conhecimento alicerçado numa postura sistémica pode também ser encontrado, por exemplo, no modelo que Jafari e Richie produziram em 1981. De acordo com estes autores, a forma ideal de abordar o Turismo é a transdisciplinaridade, todavia os custos que tal abordagem obrigaria, exigem que se procure uma abordagem inter ou multidisciplinar.

afirma que os eruditos estariam a juntar-se, a começar a desafiar as fundações ontológicas do turismo e a reconhecer a necessidade de maior pluralidade dos métodos e abordagens epistemológicas (Pernecky, 2010, p.5).

### 3. Conclusão

No contexto contemporâneo, o turismo emergiu como um fenómeno social de grande relevância, desempenhando papéis complexos e multifacetados nas sociedades em todo o mundo. No entanto, ao analisarmos a produção sociológica relacionada com o turismo, é evidente que ainda enfrentamos desafios significativos no que diz respeito à profundidade e à sistematização teórica.

Este ensaio procurou destacar estas lacunas persistentes na pesquisa sociológica sobre o turismo. Embora existam inúmeras obras que abordam diferentes aspetos do turismo - desde o seu impacto económico às suas implicações culturais e ambientais - tem faltado uma abordagem holística e teoricamente fundamentada.

Um dos principais problemas que encontramos é a fragmentação do conhecimento. A produção académica sobre turismo concentra-se, muitas vezes, em aspetos específicos, como a análise do comportamento do turista, os efeitos económicos diretos ou questões relacionadas com a sustentabilidade ambiental. Embora estas abordagens sejam valiosas, negligenciam, frequentemente, a complexidade do fenómeno turístico no seu todo.

Além disso, registamos uma carência de teorias sociológicas robustas que possam fornecer uma estrutura analítica sólida para entender o turismo na sua totalidade. Apesar de existirem algumas teorias estabelecidas, como a teoria do conflito, a teoria do intercâmbio social e a teoria da modernização, são, muitas vezes, aplicadas de forma superficial ou inadequada ao contexto turístico.

Outro desafio que identificámos foi a falta de interdisciplinaridade, considerando que o turismo é um campo intrinsecamente interdisciplinar, envolvendo aspetos económicos, sociais, culturais, ambientais e políticos. No entanto, a produção sociológica permanece, ainda, isolada de outras disciplinas, resultando numa visão limitada e parcial do turismo.

Portanto, é imperativo que os investigadores da sociologia do turismo procurem uma abordagem mais integrada e teoricamente informada nos seus estudos, sob uma perspetiva mais ampla e interdisciplinar, bem como o desenvolvimento e a aplicação de teorias sociológicas relevantes e robustas. Somente assim poderemos avançar em direção a uma compreensão mais profunda e abrangente do papel do turismo na sociedade contemporânea.

Procurámos demonstrar neste ensaio que a produção sociológica sobre o turismo continua a padecer de profundidade e de uma sistematização teórica. Para efeitos de contextualização, a abordagem sociológica sobre este fenómeno dividida em três grandes áreas temáticas para respetiva análise: a Autenticidade e o Turista (perspetiva de indivíduo - micro); Atitude dos Residentes e Relação entre Anfitriões e Hóspedes; Consequências/Impactos(es) do Turismo (perspetiva de Sociedade - macro). O debate em torno da Autenticidade envolve o confronto teórico de quatro autores basilares:

MacCannell, Cohen, Urry e Wang. Posteriormente, trataremos do debate em torno das Relações entre Hóspedes e Anfitriões, sobre o qual se debruçam uma quantidade relevante de diferentes autores. Finalmente, trataremos da questão das Consequências e Impactos(es) do Turismo, centrais nesta investigação, e onde traremos à luz algumas das principais conclusões, ainda que embora contraditórias, de autores como Milman e Pizam, Ap, Faulkner e Tideswell, e Andriotis, entre outros. Este último ponto permite produzir uma plataforma comparativa de resultados internacionais que serão colocados em confronto com os resultados desta investigação.

Esta abordagem sociológica será desenvolvida num próximo artigo – Parte II.

### Agradecimentos

Ao Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar (CinTurs-UAlg). Artigo financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/04020/2020.

### Referências

- Andriotis, K. (2003). *The tourism life cycle: An overview of the cretan case*. Conference on Tourism Development and Planning, Patras, Greece. Retirado de [http://tour.teipat.gr/Files/Synedrio/Conference%20Articles/Andriotis\\_paper%5B1%5D.pdf](http://tour.teipat.gr/Files/Synedrio/Conference%20Articles/Andriotis_paper%5B1%5D.pdf). Acedido a 12/09/2011.
- Amirou, R. (2007). Imaginário turístico e sociabilidades de viagem. *Estratégias Criativas*, Associação Portuguesa de Turismologia.
- Ap, J. (1992). Residents perceptions of tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, 19(4), 665-90.
- Ap, John, & Crompton, J. (1993). Residents' strategies for responding to tourism impacts. *Journal of Travel Research*, 32(1), 47-50.
- Ateljevic, I., Harris, C., Wilson, E. & Collins, F. (2005). Getting 'entangled': Reflexivity and the “critical turn” in tourism studies. *Tourism Recreation Research*, 30(2), 9–21.
- Ateljevic, I., Pritchard, A. & Morgan, N. (2007). *The critical turn in tourism studies: Innovative methodologies*, Oxford: Elsevier.
- Barreto, M. & Santos, R. (2005). Fazer científico em turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações. *Turismo - Visão e Ação*, 7(2), 357 – 364.
- Beni, M. (2001). *Análise estrutural do turismo* (5ª edição). São Paulo: Editora Senac.
- Bjorklund, E. & Philbrick, A. (1972). Spatial configurations of mental recreation and park processes. In M. Belanger, & D. Janelle (Eds), *Building Regions for the Future*. Quebec: Dept. of Geography, Lowal University.
- Boissevain, J. (1979). The impact of tourism on a dependent island: Gozo, Malta. *Annals of Tourism Research*, 6(1), 76-90.
- Boorstin, D. (1961). *The image: A guide to pseudo-events in America*. New York: Atheneum.

- Breakey, N. (2005). *Tourism destination development – Beyond Butler*. Doctoral Thesis on Philosophy. Queensland: University of Queensland.
- Brundtland, G. (1987). *Our common future: Report of the World Commission on Environment and Development*. Geneva, UN-Dokument A/42/427.
- Butler, R. (1980). *The concept of the tourist area cycle of evolution: Implications for management of resources*. *Canadian Geographer*, 24(1), 5-12.
- Burns, P. (1999). *An introduction to tourism and anthropology*. London, Routledge.
- Burns, G. (2004). Anthropology and tourism: Past contributions and futures theoretical challenges. *Anthropological Forum*, 14(1), 5-22.
- Candiotta, L. (2007). *Turismo rural na agricultura familiar: Uma abordagem geográfica do circuito italiano de turismo rural, município de Colombo — PR*, Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Coelho, J. (2007). *Um índice de desenvolvimento turístico baseado no ciclo de vida de um destino turístico: Uma abordagem teórica*. IX Reunión Económica Mundial – Madrid / 2007, 26 e 27 de Abril (Acta de Congresso).
- Cohen, E. (1971). Arab boys and tourist girls in a mixed Jewish-Arab community. *International Journal of Comparative Sociology*, 12, 217- 233.
- Cohen, E. (1972). Towards a sociology of international tourism. *Social Research*, 39(1), 164-182.
- Cohen, E. (1979). A phenomenology of tourist experiences. *Sociology*, 13, 179- 202.
- Cooper, C. (2002). *Sustainability and tourism visions*. VII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Lisboa.
- Cunha, L. (2009[2001]), *Introdução ao turismo*, Editorial Verbo, Lisboa.
- Cunha, L. (2010), *A definição e o âmbito do turismo: Um aprofundamento necessário*. Lisboa: ReCiL - Repositório Científico Lusófona.
- Dann, G. & Cohen, E. (2002). Sociology of tourism. Apostolopoulos, Leivadi, Yiannakis (ed.), *The Sociology of Tourism. Theoretical and empirical investigations* (pp.301-314). London: Routledge.
- De Kadt, E. (1979). *Tourism a passport to development?*. Oxford: Oxford University Press.
- Doxey, G. (1975). *A causation theory of visitor-resident irritants methodology and research inferences*. Sixth Annual Conference, Proceedings of Travel Research Association, 32, 29-34.
- Doxey, G. (1976). When enough's enough: The natives and residents in old Niagra. *Heritage Canada*, 2(2): 26-27.
- Faulkner, B. & Tideswell, C. (1997). A Framework for monitoring community impacts of tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 5(1), 3-28.
- Farrel, B. & Twining-Ward, L. (2004). Reconceptualizing tourism. *Annals of Tourism Research*, 31(2), 274-295.
- Fortuna, C. & Ferreira, C. (1996). O turismo, o turista e a (pós)modernidade. *Oficina do CES*, 80, Outubro, Coimbra.

- Getz, D. (1992). Tourism planning and destination life cycle. *Annals of Tourism Research*, 19, 752-770, Pergamon Press Ltd.
- Goeldner, C. (2000). Tourism 2000: Asia Pacific's role in the new millennium. *Journal of Travel Research*, 38, 280-281.
- Goeldner, C., Richie, B. & McIntosh, R. (2002). *Turismo princípios, prática e filosofia* (8ª Ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Graburn, G. (1989). Tourism: The sacred journey. In V. Smith, *Hosts and guests: The anthropology of tourism* (2<sup>nd</sup> edition) (pp.21-36). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Graburn, N. & Barthel-Bouchier, D. (2001). Relocating the tourist. *International Sociology* 16(12), 147-158.
- Greenwood, D. (1989). Culture by the Pound: An anthropological perspective on tourism as cultural commoditization. In V. Smith, *Hosts and guests: The anthropology of tourism* (2<sup>nd</sup> edition). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Gunn, C. (1994). *Tourism planning* (3<sup>rd</sup> Edition). Washington DC: Taylor & Francis.
- Gursoy, D. & Jurowski, C. (2002). Resident attitudes in relation to distance from tourist attractions. *Annals of Tourism Research*, 31(2), 296-312.
- Gursoy, D. & Rutherford, D. (2004). Host Attitudes toward tourism: An improved structural model. *Annals of Tourism Research*, 31(3), 495-516.
- Jurowski, C. & Gursoy, D. (2004). Distance effects on residents' attitudes toward tourism. *Annals of Tourism Research*, 31(2), 296-304.
- Jafari, J. (1994). La cientifización del turismo. *Estudios y perspectivas en turismo*, 3(1), 7-36.
- Johnson, J. & Snepenger, D. (2002). Resident's perceptions of tourism development over the early stages of the TALC. In R. Butler (Ed.), *The tourism lifecycle: Applications and modifications* (pp.229-236). Montana, USA: Montana State University.
- Korstanje, M. (2009). MacCannell en perspectiva: Análisis crítico sobre la obra el turista. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 3(3), 80-11. Dezembro.
- Lash, S. & Urry, J. (1994). *Economies of signs & space*. London: Sage Publications.
- Leiper, N. (1990). Partial industrialization of tourism systems. *Annals of Tourism Research*, 17, 600- 605.
- Lohmann, G. & Netto, P. (2012). *Teoria do turismo – Conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Editora ALEPH.
- Luchiani, M. (1998). Urbanização turística – Um novo nexo entre o lugar e o mundo. Lima (Org.), *Da cidade ao campo: A diversidade do saber fazer turístico* (pp.15-29). Fortaleza: Ed. UECE.
- MacCannell, D. (1973). Staged authenticity: Arrangements of social space in tourist settings. *American Journal of Sociology*, 79(3), 589-603.
- Magalhães, L. (2008). Discussão crítica acerca do turismo numa perspectiva materialista histórica. *Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)*, 8, 95-104.
- Mauss, M. (1974). Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp.

- Mitford, N. (1959). The tourist. *Encounter*, 13(3), 3-7.
- Murphy, P. (1985). *Tourism: A community approach*. New York: Routledge.
- Nash, D. (1981). Tourism as an anthropological subject. *Current Anthropology*, 22(5), 461-81.
- Nash, D. (1989). Tourism as a form of imperialism. In V. Smith, *Hosts and guests: The anthropology of tourism* (2<sup>nd</sup> edition) (pp.37-52). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Nash, D. & Smith, V. (1991). Anthropology and tourism. *Annals of Tourism Research*, 18, 12-25.
- Nechar, M. & Netto, A. (2011). Implicações epistemológicas na investigação turística. *Revista Estudios y Perspectivas en Turismo*, 20, 384-403.
- Nunkoo, R. & Ramkissoon, H. (2009). Community support for an integrated resort project. *EJournal*, 2552.
- Olsen, K. (2007). Staged authenticity: A grande idée?. *Tourism Recreation Research*, 32(2), 83-85.
- OMT - Organización Mundial do Turismo (1997). *Lo que todo gestor turístico debe saber – Guía práctica para el desarrollo y uso de indicadores de turismo sostenible*. Madrid: OMT.
- Pernecky, T. (2010). The being of tourism. *The Journal of Tourism and Peace Research*, 1 (1), 1-15.
- Ritchie, B. & Goeldner, C. (1989). *Travel, hospitality and tourism research: A handbook for managers*. New York: John Wilson.
- Ritchie, B. (1993). Crafting a destination vision. *Tourism Management*, 14(5), 379-389.
- Rivers, P. (1973). Tourist troubles. *New Society* (February 1), 539.
- Samy, J. (1975). Crumbs from the table? The worker's share in tourism. In S. Tupounia, R. Crocombe, & C. Slatter (eds), *The pacific way - Social issues in national development* (pp.205-213). Suva: South Pacific Social Sciences Association.
- Saveriades, A. (2000). Establishing the social tourism carrying capacity for tourist resorts of the coast of Republic of Cyprus. *Tourism Management*, (21), 147-156.
- Smith, V. (1977). *Hosts and guests: The anthropology of tourism*. Philadelphia, Pa: University of Pennsylvania Press.
- Smith, M. (1998). Tourism dependence and resident attitudes. *Annals of Tourism Research*, 25(4), 783-802.
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638-657.
- Turner, L. & Ash, J. (1975). *The golden hordes: International tourism and the pleasure periphery*. London: Constable.
- Urry, J. (1990). *The tourist gaze: Leisure and travel in contemporary societies*. London: Sage Publications.
- Vargas-Sánchez, A., Plaza-Mejía, M. & Porrás-Bueno, N. (2009). Understanding residents' attitudes toward the development of industrial tourism in a former mining community. *Journal of Travel Research*, 47(3), 373-387.

- Wang, Y. & Pfister, R. (2008). Residents' attitudes towards tourism and perceived personal benefits in a rural community. *Journal of Travel Research*, 47(1), 84-93.
- Weaver, D. (2000). A broad context model of destination development scenarios. *Tourism Management*, (21), 217-224.
- Yutyunyong, T. & Scott, N. (2009). *The integration of social exchange theory and social representations theory: A new perspective on residents' perception research*. 18<sup>th</sup> Tourism and Hospitality Education and Research Conference, Fremantle Western Australia.
- Xiao, H. & Smith, S. (2006). The making of tourism research: Insights from a social sciences journal. *Annals of Tourism Research*, 33, 490–507.